

Portugal-Brasil: modernismo em perspectiva

Dra. Raquel dos Santos Madanêlo Souza¹

Resumo:

O objetivo dessa comunicação será analisar o conceito de Modernismo adotado por grande parte da historiografia literária brasileira e portuguesa, de maneira a problematizarmos a influência que essa conceituação teve sobre a idéia, corrente, de rompimento de relações entre Portugal e Brasil, nas primeiras décadas do século XX. Para isso, tomaremos algumas publicações periódicas dos dois países, a fim de estabelecermos prováveis relações entre as literaturas produzidas nessas nações, no período citado.

Palavras-chave: Modernismo; Portugal-Brasil; periódicos

Introdução

Arnaldo Saraiva afirma, em seu livro *Modernismo Brasileiro e Modernismo Português*, que de 1909 até os finais da década de 1920² vários acontecimentos teriam marcado o “mundo cultural” luso-brasileiro. No entanto, apesar das evidências de um intenso contato entre Portugal e Brasil naquele momento, haveria uma:

idéia generalizada de que no período em que se afirmam os modernismos de Portugal e do Brasil foram interrompidos, ou quase, os contatos literários entre os dois países, ou se pôs termo à influência da literatura portuguesa sobre a brasileira³.

A constatação de um “divórcio” entre o modernismo das duas nações seria uma opinião comum à grande maioria dos historiadores brasileiros, como atesta Maria Aparecida Santilli em “Desacatos em português e em brasileiro”⁴. Essa generalização acerca da separação e negação da influência da literatura e cultura lusitana sobre a brasileira, relacionava-se certamente ao projeto de identidade nacional que se intensificou a partir da década de 20, como afirma Afrânio Coutinho em *A Literatura no Brasil*. Ainda segundo Santilli, a citada

¹ Raquel dos Santos Madanêlo SOUZA. Profa. Dra. Universidade de São Paulo (USP).

² “no período que vai de 1909 aos fins da década de 1920(...): a proclamação da República em Portugal, com os seus reflexos no comportamento (e no aumento) da colônia portuguesa no Brasil; a nomeação de um cônsul português no Rio de Janeiro logo seguida da criação de uma Embaixada; a publicação de novas revistas culturais preocupadas com o luso-brasilismo; a inauguração dos estudos brasileiros em Portugal; a celebração de alguns acordos culturais ou comerciais; as visitas de alguns dos altos estadistas (Hermes da Fonseca, Epitácio Pessoa, Antônio José de Almeida); a primeira travessia aérea do Atlântico, por Gago Coutinho e Sacadura Cabral; a publicação da obra monumental, dirigida por Carlos Malheiro Dias, *História da colonização portuguesa do Brasil*, etc.”. SARAIVA, 2004, p.25.

³ SARAIVA, 2004, p.21.

⁴ SANTILLI, 1984, p.7-13.

cisão não significaria no entanto, a ruptura ou “irreversível estremecimento”⁵ das relações literárias entre as duas nações.

Em seu alentado estudo Saraiva procurou comprovar que “as distâncias entre os dois modernismos não foram assim tão grandes”⁶. A fim de demonstrar sua *tese*, o pesquisador analisou os acordos estabelecidos entre as duas nações; as discussões acerca da unificação da ortografia; as relações entre alguns intelectuais dos dois países e as iniciativas no sentido de aproximação entre Portugal e Brasil, destacando, dentre elas, a criação de alguns periódicos que buscavam estabelecer um campo cultural luso-brasileiro. Dentre as publicações estudadas por Saraiva, analisarei duas delas, que são, na realidade, meus objetos de pesquisa: 2ª série da revista portuense *A Águia* e a carioca *Terra de Sol*, e adicionarei a essa análise a revista lisboeta *Seara Nova* que, se não teve em nenhum momento – especialmente entre 1921 e 1926, período ao qual dedico meu estudo - a intenção explícita de estabelecer um intercâmbio entre estas nações, pelo menos abriu espaço, durante um curto período de tempo, para uma correspondência com o Brasil.

A Águia foi uma das revistas de maior duração em Portugal. Publicado de 1910 a 1932, no Porto⁷, esse periódico dividiu-se em cinco séries e trouxe textos de literatura, arte, ciência, filosofia e crítica social. Importante órgão de uma sociedade cultural chamada *Renascença Portuguesa*, sua segunda série abrigou o famoso “Saudosismo”, que foi um dos mais importantes movimentos culturais que tentaram dar um novo rumo para o país logo após a Proclamação da República.

Impressa entre 1912 e 1921, essa série contou com a colaboração de vários brasileiros, entre os quais destacamos: Coelho Neto, Lima Barreto, Vicente de Carvalho, Gonzaga Duque, Homero Prates, Carlos Maul e Ronald de Carvalho. Em 1920, o jornalista e editor português Álvaro Pinto, secretário da 2ª série, veio para o Brasil, trouxe sua Casa Publicadora e passou a publicar esse periódico no Rio de Janeiro. Durante esse período, surgiu uma seção intitulada “Carta do Brasil”⁸, em que eram apresentados diversos assuntos como: o “encaminhamento do emigrante” lusitano em terras brasileiras; o “Centenário de Independência do Brasil” e o “nacionalismo anti-português”, dentre outros.

Álvaro sugeriu nesses artigos, também, o que ele definia como um *verdadeiro* intercâmbio⁹, que consistiria na permuta de obras literárias entre Portugal e Brasil. Porém, esse intercâmbio, proposto nos exemplares finais de *A Águia*, parece não ter funcionado da forma como o diretor da revista esperava. Prova disso foi o progressivo e perceptível escasseamento das colaborações portuguesas no periódico, e, também, o comentário feito

⁵ SANTILLI, 1984, p.9.

⁶ SARAIVA, 2004, p.26.

⁷ Foram editados no Rio de Janeiro os números finais da segunda série da revista, de maio de 1920 a dezembro de 1921.

⁸ Essa seção surge, em *A Águia*, apenas quando Álvaro Pinto transfere para o Rio de Janeiro a sua Casa Publicadora. Salientamos este fato, para que fique claro que a intenção de intercâmbio luso-brasileiro que aparecera na revista surge somente a partir desse instante, ou seja, antes, na revista, não havia nenhuma tentativa ou iniciativa efetiva e real de estabelecer inter-relações entre Portugal e Brasil.

⁹ Olhemos, portanto, para o emigrante que se destina ao Brasil e acabemos com a nociva leviandade de se estar falando desde janeiro a dezembro em pomposas, fantásticas aproximações, sem se estudar, pelas vias competentes, qual a forma mais própria de se fazer não uma aproximação, (...), mas um verdadeiro intercâmbio. A.A., *A Águia*, abr. 1920, p.189. (A. A. é a abreviatura usada nos artigos da Redação, ou seja, Álvaro Pinto e António Sérgio, quando da publicação da 2ª série no Brasil. Podemos afirmar, no entanto, que este artigo foi escrito por Álvaro Pinto, uma vez que o jornalista publicou novamente este texto em *São Paulo: cidade vertiginosa*(conferência seguida de um apêndice sobre intercâmbio luso-brasileiro).

pelo jornalista em carta¹⁰ enviada ao historiador Jaime Cortesão, na qual ele afirmava que, sem o envio de artigos e textos literários por parte dos intelectuais lusitanos, a revista estaria assumindo, cada vez mais, as feições brasileiras¹¹.

A 2ª série chegou ao fim em 1921 em função de divergências de idéias entre alguns dos intelectuais dissidentes - da revista e da sociedade *Renascença Portuguesa* - que resolveram criar uma nova publicação que tivesse uma orientação ideológica diferente da adotada na revista portuense. Surgia, assim, em 15 de Outubro daquele ano, a *Seara Nova*. Herdeiro do periódico do Porto, esse quinzenário lisboeta buscou ser um espaço de *ação* no processo de reconstrução nacional. Essa publicação centrou esforços no combate à crise da nação, publicando artigos que incidiam sobre aspectos econômicos, sociais e, principalmente, na crítica e doutrinação política – temáticas dominantes principalmente entre a data de sua criação e o ano de 1926. A presença do Brasil, neste período, na *Seara*, foi bastante reduzida, restringindo-se praticamente a 1922, ano em que o país celebrou o centenário de sua independência, e em que foi realizada, como parte das comemorações, a primeira travessia aérea do Atlântico Sul, pelos aviadores portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral¹². Esse vôo entre Lisboa e Rio de Janeiro teve ampla repercussão na imprensa dos dois países e nas páginas da *Seara Nova*, que publicou vários poemas e artigos sobre esse feito extraordinário, para a época. Além disso, a revista contou com a colaboração do ex-diretor da 2ª série de *A Águia*, o já citado jornalista Álvaro Pinto, que se tornara correspondente dessa revista enviando pequenos artigos, em tom de crônica, para a seção intitulada “Bilhetes do Brasil”. Nesses textos, o editor discutia algumas questões já abordadas por ele na 2ª série, além de noticiar fatos como a Revolta Militar do Forte de Copacabana; a chegada do Presidente português António José de Almeida ao país; as negociações acerca de uma Convenção Literária entre Portugal e Brasil, encaminhada por Jaime Cortesão; o pavilhão lusitano da Exposição Internacional, no Rio de Janeiro; além de informações sobre algumas das obras literárias editadas nos dois países.

Essa colaboração de Álvaro chegou ao fim nos primeiros meses de 1923, e em Janeiro de 1924, esse jornalista passou a publicar, ao lado do poeta paranaense Tasso da Silveira, a revista *Terra de Sol*. Editada no Rio, entre Janeiro de 1924 e Junho de 1925, essa publicação tinha como objetivo a elevação do “espírito” e do “pensamento” brasileiros, buscando divulgar amplamente a cultura do país, sem deixar de lado, porém, o diálogo com os “colegas de todo o mundo”, como se afirma em seu editorial.

Terra de Sol não foi propriamente uma revista luso-brasileira, mas foi o espaço onde, mais uma vez, Álvaro Pinto buscou estabelecer o intercâmbio já tentado nas revistas

¹⁰ Em carta enviada a Teixeira de Pascoaes, Álvaro afirma: “Se V.Ex. quiser contribuir para esse relacionamento, muito nos obsequiaria enviando para a revista, regularmente, a sua colaboração”. PINTO, fev., 1921.

¹⁰ “Temos obtido a colaboração e solidariedade de todos os bons escritores brasileiros. O que é preciso é que vocês daí mandem colaboração e mostrem que existem. Doutra forma, a revista quase parece brasileira”. PINTO, jan., 1921.

¹¹ “no final desta série, já não estamos diante de uma revista propriamente portuguesa, mas de um periódico luso-brasileiro que, em função de ser aqui editado, praticamente não está em contato com o que ocorre em seu país de origem”. OLIVEIRA, 1995, p.407.

¹² Em seu Relatório da Viagem, Sacadura afirma: “Partidário de uma aproximação íntima das duas nações irmãs e desejoso, não só de contribuir, no pouco que em minhas forças cabia, para essa aproximação, (...), a idéia” era “que fosse tentada a travessia aérea Lisboa-Rio, com a colaboração do governo brasileiro”. CABRAL, 1964, p.9.

anteriores. Nessa publicação carioca, ele criou seções intituladas “Portugal - Brasil”, “Páginas Portuguesas” e “Carta de Portugal” nas quais buscou estabelecer um diálogo entre os países, focando principalmente a permuta de obras literárias e a divulgação de escritores portugueses no Brasil. Mas apesar de seus esforços, essa iniciativa acaba esbarrando em situações desfavoráveis ao seu projeto de aproximação entre as nações. Os anos 20 no Brasil caracterizaram-se por uma tentativa de afirmação de uma *independência* cultural - especialmente diante da cultura portuguesa, como fica explícito por exemplo, no discurso “O Espírito Moderno”, de Graça Aranha, proferido na Academia Brasileira de Letras em 1924. Nesse artigo, amplamente discutido nesta revista carioca, este escritor afirmava: “Em vez de tendermos para a unidade literária com Portugal, alarguemos a separação”¹³.

O que se observa, porém, é que além da discussão acerca do polêmico discurso de Graça Aranha sobre a necessidade de um afastamento da cultura brasileira, em relação à lusitana, na tentativa de afirmação de uma produção *nacional*¹⁴, não há nenhuma referência ao modernismo – seja na *Seara Nova*, seja em *Terra de Sol* – nem a colaboração dos modernistas mais *paradigmáticos*, como Mário e Oswald de Andrade. Ou seja, a *Seara* quando abre espaço para a nação brasileira – a partir do ponto de vista de Álvaro Pinto -, simplesmente ignora a *Semana de Arte Moderna*, que é definida pela crítica e historiografia literárias do país como o marco fundador do movimento no Brasil. O mesmo se pode afirmar em relação à *Terra de Sol*, que apesar de ter tido o poeta Ronald de Carvalho como um de seus principais colaboradores, passou distante das discussões modernistas acerca das inovações estéticas e da euforia inicial dos impulsionadores da renovação cultural brasileira na década de 20.

Já o modernismo português não se revelou ao público através de uma Semana ou de palestras polêmicas como no Brasil, mas teve A revista luso-brasileira *Orpheu*, de 1915, como seu marco inicial e como o espaço de divulgação de propostas estéticas de alguns escritores e artistas da época. Segundo Eugênio Lisboa, essa publicação representava a tentativa de criação de “uma língua nova”, de ruptura com o “passado” e um “empenho mais fundo” na renovação literária naquele país; porém, sua contemporânea 2ª série de *A Águia* simplesmente ignorou esse periódico e o escândalo¹⁵ decorrente de sua publicação em Lisboa, naquela data.

A revista idealizada por Ronald de Carvalho e Luís de Montalvor, que causou tanta euforia e estranhamento quando de seu lançamento em Portugal, não foi nem sequer referida pelo periódico português e, apesar de se assumir como luso-brasileira, nem mesmo chegou a ser citada¹⁶ pela imprensa do Brasil.

Ou seja, se tomarmos as três publicações analisadas, 2ª série, *Seara* e *Terra de Sol*, percebe-se que não há uma relação de diálogo entre os Modernismos e modernistas mais *paradigmáticos* dos dois países¹⁷.

¹³ ARANHA, 1924, p.43.

¹⁴ Segundo o Prof. Dr. Marcos Napolitano, o período entre a década de 20 e a de 70: “concentrou o maior número de debates e projetos em torno da identidade brasileira e da busca da modernidade, obsessões culturais que, uma vez satisfeitas, nos permitiriam escapar do dilema cultural atávico apontado por Sérgio Buarque de Holanda, entre o ‘não ser’ e o ‘ser outro’”. NAPOLITANO, 2003, p.295.

¹⁵ “*Orpheu* se transformou num escândalo”. GALHOZ, 1971, p.XVIII.

¹⁶ Segundo Saraiva, “há mesmo que perguntar se para o Brasil chegaram a ser enviados os vários exemplares de *Orpheu* correspondentes às assinaturas de que falava Ronald”. SARAIVA, 2004, p.110.

¹⁷ Saraiva aproxima alguns escritores e obras de modernistas brasileiros e portugueses em *Modernismo Brasileiro e Modernismo Português*. Mas em relação às revistas que analisamos e que apresentaram, em

A interpretação do modernismo brasileiro, por parte da crítica, tende a supervalorizar a importância da *Semana*¹⁸ e da literatura produzida por alguns dos intelectuais nela envolvidos, em detrimento do restante da que vinha sendo produzida em todo o país. Havia, ainda, uma forte predominância de diferentes correntes e tendências estéticas que conviviam ao lado dessa de caráter mais vanguardista e, além disso, havia também a coexistência com outros tipos de *modernismo* – que não esse mais paradigmático¹⁹ – e que viria a ser representado, posteriormente, por exemplo, pela revista *Festa*, descendente direta de *Terra de Sol*. Ou seja, essa mesma *Festa*, que se caracterizava por uma tendência espiritualista e representaria uma outra fase no modernismo brasileiro, na realidade publica uma literatura que já estava *em curso* muito antes da data de sua publicação, em 1927. Nesse sentido, buscamos apenas levantar alguns questionamentos sobre o significado desses tipos de periodização e das leituras mais cristalizadas sobre esse período da história brasileira, que são, muitas das vezes, redutores para se pensar a arte em sentido mais aprofundado.

Se há alguma possibilidade de diálogo entre as literaturas publicadas nas revistas analisadas – no *período do modernismo* nas duas nações – ela diz respeito à existência de algumas temáticas comuns à poesia de dois²⁰ desses periódicos. Lendo a 2ª série de *A Águia* e a revista *Terra de Sol* é possível notar pontos de confluência nos versos de alguns poetas portugueses e brasileiros que se aproximariam pelo fato de abordarem tópicos semelhantes, como: o vago; o mistério; a luz crepuscular ou a escuridão noturna; seres espectrais; além de espaços e objetos que se desenham nos textos perante a falta, quase total, de contornos bem definidos; algum pendor intimista e a busca de uma elevação e de um *espiritualismo* religioso que se traduzia muitas vezes num êxtase do eu lírico diante da natureza ou do mundo. E esses temas podem ser notados em versos dos portugueses Mário Beirão, Augusto Casimiro e Teixeira de Pascoas e nos de brasileiros como Emílio Moura, Cecília Meireles, Guilherme de Almeida e Murilo Araújo, considerados modernistas de uma *outra* fase e que viriam a ser colaboradores de *Festa*.

Conclusão

Em resumo, percebe-se que não houve efetivamente um rompimento das relações culturais entre as duas nações, já que existiram sim contatos e iniciativas, muitas vezes individuais, como as empreendidas pelo jornalista e editor português Álvaro Pinto;

algum momento, a intenção de estabelecer um diálogo entre Portugal e Brasil, não há efetivamente nenhuma forma de diálogo entre os nomes mais característicos dos modernismos das duas nações.

¹⁸ Talvez fosse interessante pensar na recepção da “Semana de Arte Moderna” fora de São Paulo, de maneira a ponderar a repercussão desse evento no país.

¹⁹ Chamamos de *Modernismo paradigmático* a esse Modernismo que aparece definido nos manuais de Historiografia Literária, que consideram a *Semana de 1922* como o marco inicial da literatura modernista no Brasil e que tomam os nomes de Mário de Andrade e Oswald de Andrade como os principais representantes da busca pelo *novo* e pela *ruptura* na literatura do Brasil.

²⁰ A literatura publicada na *Seara Nova* entre 1921 e 1926, apresentava traços muito distintos da produção literária da 2ª série de *A Águia* e de *Terra de Sol*. Grande parte da poesia e da prosa editadas no periódico lisboeta, no período em questão, tinha fortes traços de questões relacionadas a uma justiça social, além de uma valorização de temas como o *campo*; o trabalho e o trabalhador, o que se explica pela própria intenção do grupo seareiro de se opor à ideologia e à cultura veiculadas na 2ª série portuense e pela intenção do grupo de produzir uma literatura que exercesse um papel na restauração da mentalidade em Portugal.

colaborações de escritores fundamentais, como Ronald de Carvalho – que publicara na 2ª série e em *Terra de Sol* e que colaborara na modernista portuguesa *Orpheu*; e possíveis relações, que ainda não foram estudadas, a respeito das convergências temáticas²¹ na literatura em parte da produção da revista portuense e da sua herdeira carioca, *Terra de Sol*.

Talvez seja pouco, mas um estudo mais aprofundado das relações entre os poetas aqui citados, ou mesmo uma análise mais detalhada do importante papel que Álvaro Pinto teve nos mercados editoriais de Portugal e do Brasil, certamente permitiria o mapeamento de um diálogo que, mesmo com o advento do modernismo, e talvez apesar dele, continuou a ser travado entre os escritores dos dois países.

Referências Bibliográficas

- CABRAL, Sacadura. COUTINHO, Gago. *A primeira travessia aérea do Atlântico Sul – relatório oficial da viagem*. Lisboa: Edição da Revista de Marinha, 1964.
- COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil: o modernismo*. São Paulo: Global, 2002. 6ª ed.
- GALHOZ, Maria Aliete. “Gênese e história da revista *Orpheu*”. In. *Orpheu*. Lisboa: Ática, 1971.
- NAPOLITANO, Marcos. “Cultura, Modernidade e Brasilidade” (1922-1979)”. In . SZESZ, Cristina Marques; et.all. *Portugal-Brasil no século XX- Sociedade, Cultura e Ideologia*. Bauru, SP: EDUSC, 2003. pp.295-308.
- OLIVEIRA, Paulo Motta. *Esperança e Decadência: as imagens de Portugal na 2ª série de A Águia*. Campinas, SP, 1995. (tese de doutorado).
- PINTO, Álvaro. “Carta a Jaime Cortesão”. In. Biblioteca Nacional, Lisboa, Portugal; Janeiro de 1921.
- SANTILLI, Maria Aparecida. “Desacatos em Português e em Brasileiro”. In: *Entre linhas: desvendando textos portugueses*. São Paulo: Ática, 1984. pp.7-13.
- SARAIVA, Arnaldo. *Modernismo Brasileiro e Modernismo Português*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

²¹ Cremos, também, que além das convergências temáticas, havia algumas convergências ideológicas entre o movimento desenvolvido na 2ª série de *A Águia*, representado pela idéia de nacional pelo espiritualismo presentes na revista portuense, e no projeto de nação e de um espiritualismo religioso – sem esquecer, claro, as diferenças nas trajetórias de cada projeto - idealizados na revista *Terra de Sol*.